

9. LUCIANO PEREIRA, DEPARTAMENTO DE
LÍNGUAS DA ESCOLA SUPERIOR DE
EDUCAÇÃO, SETÚBAL, PORTUGAL,
luciano.pereira@ese.ips.pt.

TEMA 3.6 A VALORIZAÇÃO DO TRABALHO NO CONTEXTO DO
ENSINO DA LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA - LUCIANO
PEREIRA, PROFESSOR COORDENADOR ESSE / INSTITUTO
POLITÉCNICO DE SETÚBAL

Em todos os meus projetos de formação sempre privilegiei a formação integral do aluno, inserindo as minhas preocupações linguísticas no contexto mais vasto do seu desenvolvimento psicossocial e cognitivo.

Não será, portanto, de espantar a minha preferência pelas estratégias lúdicas em que a componente pragmática da língua se insere no espaço mais vasto do fenómeno comunicativo, alargando a componente cultural às mais diversificadas atividades humanas, articulando o mundo do trabalho, das realidades sócio - económicas e das preocupações ecológicas com o mundo do imaginário, do sonho e da expressão estética.

Às perspetivas historicistas acrescentei sempre as preocupações contemporâneas das diferenças sociológicas e regionais.

Do objeto de estudo que sempre constituiu a nossa língua, a nossa sociedade, e o nosso território nacional, fui paulatinamente criando um novo objeto que se definia pelos fenómenos respeitantes às comunidades portuguesas e as nações que partilhavam a língua e as culturas que, em conjunto, construímos.

O espaço de formação tornava-se assim num espaço de troca de experiências, de isomorfismos pedagógicos e de investigação/ação, procurando inovar e renovar os processos de trabalho, na produção de saberes e atitudes mais consentâneas com as exigências das nossas sociedades cognitivas coevas.

Em todas as minhas formações, em todos as pesquisas que orientei, no contexto das mais diversas disciplinas de Língua e Literatura, tive o cuidado de valorizar, de forma lúdica, mas séria, o trabalho e o esforço, enquanto geradores de riqueza, coesão social e estruturação psicossocial do indivíduo.

Reitero, aqui, todo o meu entusiasmo numa formação que exorciza as angústias de um futuro alienante e desprovido de esperança, que contribua para a plena realização pessoal de cada um e para a coesão de cada uma das nossas comunidades.

Antes de proceder à apresentação deste percurso pedagógico gostaria de relembrar algumas das pessoas que ao longo da minha vida transmitiram-me o apreço pelo trabalho e pela importância da transmissão da sua valorização. Aos meus avós, que me ensinaram a gostar do campo e das suas tradicionais fainas desde a pastagem à ordenha, da sementeira à colheita. Com eles, aprendi o gosto dos espargos selvagens, o gosto dos mísscaros e a delícia das túberas. O meu avô paterno ensinou-me a arte do barbear, o gosto pelas pequenas cirurgias e pelos segredos da cosmética. O meu pai nunca se vangloriou muito, nem pela sua passagem pela cavalaria em Estremoz, sua cidade natal, nem pelos serviços prestados à nação, enquanto agente de polícia, num período em que tais atividades mal conviviam com a consciência de um cristão praticante, devoto e dedicado. Ensinou-me o gosto pelas viagens e pelos comboios, a tristeza da ausência e da emigração, o gosto pelas outras culturas, a importância da aprendizagem e o respeito pelos autodidatas que sobem literalmente a pulso até merecerem o reconhecimento pelas suas competências e qualidades. A minha mãe ensinou-me o gosto pelo ensino, pelas crianças e pelos velhinhos. Com eles aprendi que o único ensino verdadeiramente útil era o ensino do esforço e do trabalho, que era nele que residia o gosto e a alegria do crescimento e do desenvolvimento:

“Os filósofos que especularam sobre o significado da vida e o destino do Homem, não repararam bem que a natureza deu-se ao trabalho de nos esclarecer acima de si mesma. Advertiu-nos por uma marca precisa que o nosso destino havia sido alcançado. Essa marca é a alegria.

(...)

Mas a alegria anuncia sempre que a vida foi bem-sucedida, que progrediu, que alcançou uma vitória: uma alegria grande tem um tom triunfal. Ora se atendermos a essa indicação e se seguirmos essa nova linha de factos, acharemos que por toda a parte onde houver alegria há criação: quanto mais rica for a criação, mais profunda será a alegria...”³⁹

Permitam-me, neste contexto, expressar uma especial palavra de simpatia ao Senhor Professor Doutor Armindo Rodrigues, Professor da

³⁹ Bergson – La conscience de la vie. (1911) in L’Energie spirituelle. Paris, 1922, p. 24, citado por Jaccard, P. – História Social do Trabalho. Círculo dos Leitores, s. d. , p. 341.

Escola Superior de Educação de Lisboa com quem preparei e executei uma ação de formação, coordenada pela Presidente do Conselho Diretivo de então, a Senhora Professora Doutora Amália Bárrios, subordinada ao tema: O Mundo do Trabalho em Portugal, e que constituiu o maior incentivo para a elaboração de um jogo educativo e pedagógico da autoria da Dr.^a Maria Manuela Moreira Araújo Strehl⁴⁰.

Gostaria de sublinhar o empenho que a Senhora Professora Doutora Amália Bárrios colocou na sua publicação e, mais uma vez, expressar a minha gratidão pelo convite que a autora me dirigiu para, em breves palavras, fazer uma apresentação do seu trabalho e do seu processo de produção, enquanto fruto de uma estratégia de formação de professores manifestando também, desta forma, o seu apreço pelo trabalho que durante sete anos me possibilitou o acompanhamento dos professores de Português em exercício na Alemanha, enquanto colaborador permanente do Núcleo do Ensino Português no Estrangeiro do Departamento do Ensino Básico e enquanto Coordenador Pedagógico do Ensino Português junto da Embaixada em Bona.

Em toda a minha prática privilegiei sempre a formação integral do aluno inserindo as preocupações linguísticas no contexto mais vasto do seu desenvolvimento psicossocial. Deste modo, o ato pedagógico encontrava a sua real expressão no conjunto dos processos de aprendizagem e do seu desenvolvimento cognitivo. Não será, portanto, de espantar a minha preferência pelas estratégias lúdicas em que a componente pragmática da língua insira-se num espaço mais vasto do fenómeno comunicativo, alargando a componente cultural às mais diversificadas atividades humanas, articulando o mundo do trabalho, das realidades sócio-económicas e das preocupações ecológicas com o mundo do imaginário, do sonho e da expressão estética. Às perspetivas historicistas acrescentámos as preocupações contemporâneas das diferenças sociológicas e regionais. Do objeto de estudo que sempre constituiu a nossa língua, a nossa sociedade, e o nosso território nacional, fomos paulatinamente criando um novo objeto que se definia pelos fenómenos respeitantes às comunidades portuguesas e as nações que partilhavam a língua e as culturas que em conjunto construímos.

O espaço de formação tornava-se assim num espaço de troca de experiências, de isomorfismos pedagógicos e de investigação/ação, em íntima articulação com o espaço letivo, procurando inovar e renovar os processos de trabalho, na produção de saberes e atitudes mais consentâneas com as exigências das nossas sociedades cognitivas coevas.

Em todas as minhas formações e em todas as pesquisas que orientei no contexto das mais diversas disciplinas de Língua e Literatura, tive o cuidado de explicitar alguns conceitos filosóficos sobre a relação entre o trabalho e a formação, o trabalho e a comunicação, o trabalho e a língua, o trabalho e o jogo, em suma o trabalho e a construção psicossocial do indivíduo.

O mundo do trabalho deverá ser sempre um dos temas privilegiados para projetos de investigação transdisciplinares. No contexto da Ética, basta relembrar o conceito aristotélico do trabalho enquanto autoconstrução do Homem. O Homem assume-se enquanto ação e obra; produto, produção e produtor. O Homem constrói-se num processo de assimilação e acomodação, isto é, num processo de verdadeira adaptação no seu sentido mais ecológico, enquanto respeitador do seu meio ambiente e do outro, que constitui parte da sua identidade social.

O pensamento filosófico contemporâneo de forte cariz social (Habermas, Michel Henry, Petrovic, Konsik) encara a dimensão económica do trabalho como um espaço reificado, alienante e alienado, anti-humano e antifilosófico. Já em 1848, o socialista francês, François Vidal, denunciava a ilusão daqueles que tinham considerado a liberdade do trabalho como suficiente para dar ao operário a garantia do direito à existência:

“O pauperismo, flagelo de origem recente, é a consequência inevitável do assalariado e da concorrência, da nova condição dada às classes laboriosas neste maldito regime a que erradamente se chamou regime da liberdade do trabalho. Em todos os tempos houve pobreza accidental. Mas antigamente a pobreza recrutava os seus tristes legionários entre os que não estavam em condições de trabalhar. Hoje, o pauperismo recruta-os entre os operários válidos, honestos, laboriosos, entre os trabalhadores em emprego da agricultura e da indústria. O pauperismo é a miséria tornada crónica e hereditária, é o estado permanente do assalariado sem trabalho e mesmo do que trabalha.”⁴¹

A escola deve proporcionar ao aprendiz experiências de trabalho gratificante, enquanto formas de realização pessoal e refletir sobre a dimensão económica do trabalho, enquanto geradora de maior justiça, solidariedade e felicidade. Em termos reais e sociais não existe vida sem trabalho. A vida repousa no trabalho, tal como o trabalho dá sentido à vida. A história da humanidade é a história do trabalho. A escola deve contribuir

⁴⁰ Strehl, M. M. A. – O Jogo na Educação. O Mundo das Profissões. E tu o que vais ser? Lisboa: Escola Superior de Educação, 1997.

⁴¹ In Dufour, J. - Études historiques sur les théories du Droit du travail. Paris, 1899 citado por Jaccard, P. – História Social do Trabalho. Círculo dos Leitores, s. d. , p. 286.

para a eliminação das desigualdades sociais, para a eliminação do trabalho alienante, porque estão, de facto, criadas as condições históricas e materiais para que o trabalho seja sinónimo de percurso de maturação individual e social.

Embora não seja uma das temáticas mais retratadas, o mundo da literatura não lhe podia ficar indiferente. O trabalho literário, enquanto produção textual, ou produção de sentidos através da escrita e da leitura, é frequentemente associado ao ato de produção e transformação pessoal e social. O género narrativo, e em especial os contos e os romances, tem uma especial aptidão para a representação da dimensão económica e social do trabalho. O classicismo e o humanismo idealizaram as profissões camponesas em “locii amoenii”, numa estereotipada “aurea medicritas”; o romantismo, prolongando-se pelos contos naturalistas tais como os de Raul Brandão⁴², interessou-se pelas duras fainas da terra e do mar, exaltando uma harmonia ecológica idílica, por vezes angustiada. O realismo retratou a dureza das vidas miseráveis, rurais e urbanas, em oposição às da alta e média burguesia (Eça de Queirós). A sociedade marginal e os pequenos ofícios suburbanos tornaram-se sobretudo alvo do neorrealismo, com referências ao trabalho infantil, tal como em Esteiros de Soeiro Pereira Gomes⁴³ ou em Os Putos de Altino do Tojal⁴⁴, à condição feminina, à exploração e à “reificação” do ser humano.

O trabalho, tal como a língua, é uma forma de construção do homem e, tal como a língua, é uma forma de expressão da sua identidade. Tal como a língua, inscreve-se num processo de comunicação interativo e produz significado transformando o mundo num processo de recriação sempre original.

Um estudo semântico em torno da produtividade da palavra “trabalho” revela-nos conotações relativamente negativas, associadas ao desconforto (trabalhão, trabalhosamente, trabalhoso). As suas definições lexicais reforçam a sua desvalorização social: “Aplicação da atividade intelectual ou física. Serviço. Fadiga (...) Aplicação. Inquietação (...) Cuidados (Figueiredo, 1991).

Ao refletir sobre a organização lexical do Português Fundamental, nunca deixámos de sublinhar a relação existente entre as atividades dos homens e o meio em que se inserem, condicionando os instrumentos, os utensílios, as técnicas e os produtos (tomemos como exemplo o léxico do trabalho do campo e o da aldeia: camponês, enxada, colheita, vindimas,

sementeira, lavoura, charrua, monda, apanha, ceifa, ceifeiro, pastor, pasto...)

Quantas vezes fomos surpreendidos pela qualidade do material produzido, recolhemos centenas de fichas relacionando atividades económicas com espaços geográficos, com profissões, com produtos e com instrumentos de trabalho.

Nunca deixei de sugerir que a nossa formação nunca deveria separar a descoberta da língua da descoberta do mundo, a reflexão epistemológica da reflexão linguística. Quando sugeria que se associasse, de forma lúdica, as profissões às respetivas atividades e aos respetivos instrumentos e máquinas assim como aos espaços específicos (hospital / médicos, enfermeiros, analistas...), estava, de facto a incentivar a produção de materiais lúdicos em torno das profissões com o auxílio das adivinhas, dos provérbios, dos adágios, das expressões, das canções populares e da mímica.

As profissões mais referidas em contexto escolar (veja-se os manuais escolares, sobretudo os do sexto ano de escolaridade) e na literatura para a infância raramente ultrapassam a dúzia e correspondem, em grande parte, as que foram listadas no Português Fundamental: médico, professor, engenheiro, advogado, carpinteiro, sapateiro, pedreiro, empregado (de balcão, de limpeza, bancário, de café, comercial, de escritório, do Estado, fabril, de mesa, público, ...), arquiteto, padeiro, pintor, comerciante, enfermeiro, juiz, estudante, merceeiro serralheiro, marceneiro, alfaiate, mecânico.

A literatura para a infância não se limita, todavia às profissões mais comuns e abre as portas da nossa imaginação:

“A Lua já foi mais longe
Saturno e Marte também
qualquer dia é um instante
chega-se lá de rompanete
a bordo de um vaivém.

Eu gosto de fazer contas
à velocidade, à distância
e juro que sou assim
desde que dei por mim
no princípio da infância.

⁴² Brandão, Raul – Os Pescadores. Porto Editora, 2013.

⁴³ Gomes, Soeiro Pereira – esteiros. Lisboa: Europa América, 1977.

⁴⁴ Tojal, Altino do – Os Putos. Contos da luz e das sombras. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.

Gosto de por os cadernos
foguetes e foguetões
e de inventar as rotas
para as fantásticas frotas
que vão em novas missões.

Por isso serei astronauta
em Cabo Canaveral
que esteja em construção
algures em Portugal.
(...)⁴⁵

Os adjetivos associados são de ordem psicológica (honesto, preguiçoso, agradável, simpático, ...) e referem-se às qualidades profissionais (trabalhador, competente, eficiente, hábil, habilidoso, cumpridor, rápido, ...). Os verbos referem atividades básicas fazer (fazer fatos, fazer música, fazer o pão, ...), trabalhar, ensinar, vender, construir, curar, pintar, ler, escrever, arranjar, consultar, empregar, receitar, comentar, tratar, aprender, julgar, pagar, defender, serrar, ganhar, receber, ...

Os manuais escolares atuais⁴⁶ incentivam o trabalho interdisciplinar. A reflexão linguística cruza-se com a reflexão sociológica. A descoberta do mundo faz-se a par e passo com a descoberta da língua, com alegria e com prazer. No contexto escolar, o prazer cruza a dimensão lúdica com a dimensão epistemológica. Tal como o propõem François Weiss⁴⁷, Margarita Recasens⁴⁸ e Maria Alda Loya Soares da Silva⁴⁹, brinque-se com a língua em torno de temas como o trabalho e as profissões.

Associe-se atividades a profissões. Veja-se as qualidades necessárias para determinadas profissões. Associe-se instrumentos e máquinas às profissões escolhidas. Faça-se uma pesquisa no dicionário em torno das palavras referentes a profissões – eletricista – detetar a palavra raiz, identificar o morfema marcador de profissões. Identificar outras palavras construídas a partir da mesma raiz assim como o valor dos morfemas aglutinados. Experimentar obter outras profissões com o mesmo morfema (pianista, futebolista...). Proponha-se jogos de mímica, adivinhas, formule-se alguns enunciados e descubra-se as profissões em causa. Faça-se perguntas para adivinhar profissões. Faça-se jogos de associações espaços/profissões – hospital – médicos, enfermeiros, analistas.... Trabalhe-se a noção de espaço. Onde trabalha o médico? Atente-se “no

hospital”, “em hospitais”, “nos consultórios”. Reflita-se sobre os complementos circunstanciais (de tempo, de lugar, de fim, de causa, de modo, instrumental etc.): “O médico estuda para curar doentes. O advogado para defender causas. e sobre advérbios (de tempo: “Antigamente os homens iam ao barbeiro”. “Hoje vão ao cabeleireiro”. Reveja-se os pronomes interrogativos: “- Quem constrói os móveis? - O marceneiro.” “- Que faz o latoeiro? - Panelas.” Veja-se os mecanismos da formação de palavras: “um guarda noturno, um desenhador, um bailarino... O ourives trabalha na ourivesaria. O alfaiate na alfaiataria. O livreiro na livraria.”

Os modos e os temas verbais podem ser alvo de reflexão no estudo em torno das profissões: “O meu sonho é ser mecânico. Se o meu sonho se realizasse/se realizar trabalharia/trabalharei numa oficina.” Aproveitemos para refletir sobre o valor semântico dos modos e dos temas.

Investigar é a melhor forma de conhecer o mundo do trabalho. É necessário desenvolver capacidades de pesquisa, de observação, de comunicação/relacionamento. Pense-se sobre os deveres e os direitos dos trabalhadores. Pense-se sobre os constrangimentos e as virtudes do trabalho. Inicie-se um percurso de descoberta e aproveite-se para desenvolver algumas das múltiplas competências pessoais, culturais e linguísticas, orais e escritas exigidas por tal metodologia.

Atentemos no seguinte percurso possível:

- Escolha-se uma profissão
- Recolha-se informações, documentação, ilustrações etc., entrevistas a profissionais...
- Descreva-se um local de trabalho (com especial atenção para a organização do espaço, para os objetos, as máquinas, os instrumentos, os materiais – os sons, os cheiros, as texturas, as evocações, as associações, as memórias e os sentimentos...)
- Descreva-se os profissionais – os seus fatos, o seu vestuário especial, os seus atos do quotidiano, os seus sentimentos e emoções.
- Apresente-se uma profissão a turma através de cartazes/colagens, imagens, textos, desenhos, fotografias, avisos, materiais autênticos.
- Descreva-se um profissional no seu espaço de produção.
- Narre-se um dia de um profissional.

⁴⁵ Letria J. J. – O que eu quero ser... Lisboa: Âmbar, s. d.

⁴⁶ Monteiro, J. e Paiva, M. - Estudo do meio do João (3º ano). Vila Nova de Gaia: Gailivro, S.A. 2005, pp. 128-143.

Monteiro, A. – fio de prumo - Estudo do meio 4º ano. Coimbra: Livraria Arnaldo, 2006, pp. 80-94.

⁴⁷ Weiss F. – Jeux et activités communicatives dans la classe de langue. Paris : Hachette, 1985.

⁴⁸ Recasens, M. – Como jogar com a linguagem. Lisboa: Plátano, 1990.

⁴⁹ Silva, M. A. L. S. – Iniciação à comunicação oral e escrita. Lisboa: Editorial Presença, 1986.

- Apresente-se os pré-requisitos para uma determinada profissão, as características psicológicas necessárias, os seus gostos e as suas qualidades.

- Descreva-se as medidas de segurança e de higiene.

- Descreva-se o tipo de relações sociais/humanas específicas a cada atividade profissional.

- Procure-se Informação sobre os sindicatos, nomes, funções, direitos e deveres.

- Simule-se uma consulta de orientação vocacional/profissional: (formule-se, perguntas, interprete-se as respostas, aconselhe-se...)

Foi neste contexto de formação que surgiu um dos materiais que maior alegria profissional me proporcionou: o jogo das Profissões de Maria Manuela Moreira Araújo Strehl.

O jogo é um percurso iniciático de sabedoria ao longo do qual o jogador vai interiorizando informações culturais, vai desenvolvendo os seus conhecimentos linguísticos e desenvolvendo conceitos e pensamentos pertencentes ao mundo do trabalho e ao mundo da nossa língua e das nossas culturas. Cada jogada permite o avanço num percurso em que cada espaço exige uma resposta por vezes individual outra coletiva, por vezes resposta única, por vezes respostas múltiplas a perguntas ora extremamente precisas, ora com uma margem de interpretação mais ampla, ora por vezes inequívocas e, em alguns casos, permitindo o confronto de opiniões e soluções. Da observação de experiências concretas, verifiquei o quanto o jogo é pretexto para múltiplas trocas comunicativas exercitando as estruturas que permitem a tomada de posição e a afirmação das opiniões, justificando-as, permitindo assim uma reflexão sobre a língua e sobre a cultura. O conjunto de fichas que associa instrumentos e máquinas a campos lexicais profissionais, tais como a carpintaria e a construção civil, permitem o recordar de vocabulário específico, mas também exercitam a memória a curto prazo, uma vez que os jogadores têm que memorizar os objetos representados, num espaço de tempo relativamente curto. As fichas que relacionam as atividades económicas com espaços e culturas não se limitam ao território de Portugal, também não se limitam a formular perguntas, fornecem informações, contextualizam, sugerem relações, exemplo: *“O território da Guiné-Bissau é sulcado por inúmeros rios, Cacheu, Geba e Corubal são os principais. Oitenta por cento da população vivem da agricultura. Qual é o principal cereal que neste país se desenvolve em meio aquático?”* O conjunto de fichas que relaciona atividades, materiais, produções e produtos não se limita às profissões contemporâneas e não esquece o artesanato, lembrando as profissões rurais e as de um tempo em que o homem vivia mais integrado na natureza. No conjunto de fichas que se referem aos profissionais célebres, a autora também não deixou de

referir inúmeras figuras que fazem parte da nossa história talvez mítica, talvez históricas, mas sempre motivo de reflexão sobre nós próprios.

Introduzir a temática do trabalho na sala de aula é abrir um espaço de reflexão sobre a construção do Homem, a construção dos seus saberes, a construção sempre renovada do instrumento de comunicação que é a língua.

Falar do trabalho é falar de direitos e de deveres, de vida em sociedade, do valor social do esforço e da solidariedade, é falar de realização pessoal, de necessidades e de sonhos.

Falar do trabalho em Portugal, como em qualquer outro país, e falar de oportunidade específicas, é falar da organização social, é falar de gentes, dos espaços e dos costumes. É falar do passado, do presente e do futuro. De uma sociedade em mudança que não admite tabus e que, sem preconceitos, equaciona a origem e a causa do desemprego, a discriminação sexual, o trabalho infantil, problemas de remuneração, condições de emprego, a falta de segurança no trabalho, a falta de higiene em alguns espaços de produção, o trabalho a prazo, os subempregos, os empregos que mal dão para sobreviver e os empregos do futuro, os mitos de hoje, super jornalistas, corretores das bolsas de valores, jovens gestores bem sucedidos; é falar dos empregos que são veículos de um humanismo sempre presente, médicos, enfermeiros, veterinários, bombeiros, educadores, professores e das sagradas mãos de quem pesca o peixe e faz o pão e, tijolo sobre tijolo, nos faz a casa e com ternura no faz os móveis. Falar de emprego em Portugal ou em qualquer outro país e falar de tudo isto, sem esconder as dificuldades, num espírito sempre aberto de reflexão crítica, desapaixonada, compreensiva e terna. Hoje falar de emprego é falar de dificuldades em Portugal como em muitos outros países.

Infelizmente, como em muitos outros países, cada vez mais se vai instalando uma cultura do desemprego, da efemeridade, da sobrevivência sem futuro nem horizontes, em nome da saúde financeira do estado ou dos interesses agiotas e egoístas que só emprestam para melhor legitimar o roubo e a alienação. Relembremo-nos que, já em 1944, reunida em Filadélfia, uma Conferência internacional do Trabalho produziu a seguinte declaração:

“Está definitivamente ultrapassado o tempo em que o Estado podia crer que tinha feito o seu dever assim que garantisse uma remuneração mínima aos desempregados por meio de seguros ou de qualquer outro modo. Os trabalhadores não tolerarão por muito mais tempo uma sociedade em que aqueles que procuram trabalho e se esforcem seriamente para o encontrar sejam inevitavelmente levados

a abdicar de toda a dignidade por serem condenados à inação no decorrer dos anos críticos durante os quais temos de reconstruir uma civilização ameaçada nos seus alicerces."⁵⁰

Bibliografia:

- BRANDÃO, Raul – Os Pescadores. Porto Editora, 2013.
 CINTRA, L. e CASTELEIRO, M. – Português Fundamental. Vol. I, Vocabulário e Gramática. Tomo I Vocabulário. Instituto Nacional de Investigação Científica Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Lisboa: 1984.
 GOMES, Soeiro Pereira – esteiros. Lisboa: Europa América, 1977.
 JACCARD, P. – História Social do Trabalho. Círculo dos Leitores, s. d. , p. 293.
 LETRIA, José Jorge – O que eu quero ser... Lisboa: Âmbar, s. d.
 MONTEIRO, A. – fio de prumo - Estudo do meio 4.º ano. Coimbra: Livraria Arnaldo, 2006, pp. 80-94.
 MONTEIRO, J. e Paiva, M. - Estudo do meio do João (3º ano). Vila Nova de Gaia: Gailivro, S.A. 2005, pp. 128-143.
 RECASENS, M. – Como jogar com a linguagem. Lisboa: Plátano, 1990.
 SILVA, M. A. L. S. – Iniciação à comunicação oral e escrita. Lisboa: Editorial Presença, 1986.
 STREHL, M. M. A. – O Jogo na Educação. O Mundo das Profissões. E tu o que vais ser? Lisboa: Escola Superior de Educação, 1997.
 TOJAL, Altino do – Os Putos. Contos da luz e das sombras. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.
 WEISS, F. – Jeux et activités communicatives dans la classe de langue. Paris: Hachette, 1985.

10. MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO DOS SANTOS,
 UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA, PORTUGAL
 11. MANUEL JOSÉ SILVA, UNIVERSIDADE DO
 MINHO, BRAGA, PORTUGAL,

TEMA 5 HOMENAGEM A ÁLAMO OLIVEIRA – “O POETA DO BANCO VERDE” - MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS / MANUEL JOSÉ SILVA, (UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA, PORTUGAL)

Não é todos os dias que o leitor tropeça, à hora dos espetros, num banco verde estrategicamente sito num Pátio terceirense. Fosse ele vermelho ou castanho, aparentar-se-ia, talvez, aos demais dos tempos idos, sem quaisquer traços específicos suscetíveis de o sobrelevarem. Pintado de verde, eis que se firma como um cronótopo, cristalizando espaços e tempos conducentes a uma dada criação romanesca cuja situação entrópica obsta à almejada publicação. Neste vaivém espaço-temporal,

correspondendo à antinomia ontologia-meontologia e desaguando na tríade romance-metaromance-antirromance, proliferam os duplos a nível das personagens (o Poeta de génio e o seu *alter ego*, modesto crítico literário), dos objetos (o leito do Poeta e o do seu amigo), dos lugares (a mítica Jericó e a Cidade desmistificada) e dos textos em devir (os fragmentos citacionais que enformam o *Pátio d'Alfândega, meia-noite*, em estado algo caótico, e o metatexto epónimo que, em nome da inteligibilidade, não deixa de proceder a piedosas supressões e a numerações vãs).

Nesta dialética do entre – visando, do ponto de vista da receção, a racionalização do irracional e a legibilidade do ilegível – perpassam linhas de debate e perspectivas hermenêuticas cuja relevância se torna irrefutável: para quê e porquê escrever se o que parece inédito há muito o deixou de ser? Como contornar esses *topoi*, “poncifs” e estereótipos seculares que invadem, de modo persistente, a literatura de matriz insular? A que meios recorrer para conferir ao regionalismo de tipo localista a universalidade que o reconhecimento da obra impõe?

Sem descurar a crítica às entidades maiusculizadas (a começar pelo Intelectual da Cidade e a terminar no Conselho de Leitura, ambos primando pelo vazio epistemológico que a pura retórica se deleita a empolar), importa referir não só a alegoria da criação interartística (literatura, música e desenho), mas também a originalidade de um livro que se desfaz à medida que se vai fazendo e que, votado às chamadas no *explicit*, se torna não o embrionário *Pátio d'Alfândega* do poeta do banco verde, mas o *Pátio d'Alfândega* de Álamo Oliveira, autor, entre outras obras, de *A Solidão da Casa do Regalo*, *Missa Terra Lavrada*, *Com Perfume e Veneno*, *Burra Preta com uma Lágrima* e *Já não gosto de chocolates*.

“Nenhuma ilha pode ser descoberta até ao fim, como nenhum romance pode ser escrito e lido em plenitude.” (Álamo Oliveira, 1992: 146)

À imagem das várias cidades sobrepostas da Troia proto-histórica, hoje Hissarlik – das quais a mais legítima se afigura a Troia VII descoberta por Schliemann –, e do burgo antigo de Herculaneum que atualmente se justapõe à povoação italiana de Resina, também o romance *Pátio d'Alfândega meia-noite* se alicerça, englobando-os, em três sub-romances, mediante sucessivas escavações passíveis de exploração satisfatória dos seus escombros labirínticos. Se o primeiro tempo mais compassado, *adagio*, pressupõe, por questões de metodologia da execução, a sinopse do ‘Livro total’ e se o segundo, *allegro*, antirromance por excelência, corresponde à obra do Poeta Porreirinho, o terceiro andamento, *vivace*,

⁵⁰ In Jaccard, P. – História Social do Trabalho. Círculo dos Leitores, s. d. , p. 293.